

Introdução

Erney Plessmann de Camargo
Mônica Teixeira

A indústria farmacêutica afirma ter investido um total de 30,5 bilhões de dólares em pesquisa e desenvolvimento de produtos no ano de 2001, o que transforma as transnacionais do medicamento nas maiores financiadoras da investigação em medicina dos Estados Unidos. Este volume declarado de recursos supera o orçamento dos *National Institutes of Health* – onde se concentra a pesquisa em biomedicina norte-americana – que chega, neste 2003, a 28 bilhões de dólares anuais. Ainda que os gastos declarados da indústria com atividades de pesquisa e desenvolvimento incluam a realização de ensaios clínicos, e muitas operações mais típicas de *marketing* e publicidade, distantes do que é considerado investigação científica, ainda assim a comparação entre os valores aponta para uma crescente privatização das decisões sobre linhas de investigação e para a incorporação nelas de mais e mais pesquisadores. Consequência clara desta expansão das grandes companhias sobre o território da pesquisa biomédica nos Estados Unidos foi o anúncio feito em junho de 2002, pelo *New England Journal of Medicine*, respeitado periódico médico norte-americano, de que a revista renunciaria, a partir daquela data, à política de vetar avaliadores

para artigos relatando resultados de ensaios clínicos que mantivessem vínculos financeiros com laboratórios farmacêuticos, pela bastante prática razão de não haver suficiente número de especialistas para cumprir a determinação editorial vigente até ali.

“Observando a medicina” retoma nesta edição a colaboração com a revista inglesa *The Lancet* precisamente para abordar as questões cada vez mais complexas que o avanço dos interesses da indústria farmacêutica no campo da medicina impõe a clínicos, pesquisadores, a todos os envolvidos com a elaboração, escolha e execução de políticas de saúde pública, aos governos, aos próprios periódicos da área – em suma, ao conjunto da sociedade. *The Lancet* – que exige dos autores de artigos por ela publicados a revelação de quaisquer laços indicativos de conflito de interesses – publicou no mês de novembro de 2002 a série de artigos *Medicamentos, Sociedade e Indústria*, esperando oferecer com eles “uma visão crítica dos papéis exercidos pela indústria farmacêutica, particularmente pelas companhias transnacionais, no interior da sociedade”, como se lê no comentário de abertura da série, de 2 de novembro de 2002. A escolha dos editores desta *Revista* recaiu sobre o primeiro destes artigos – que discute o papel da indústria como fornecedora de dados e informações – por ser este aspecto dos menos discutidos, e no entanto dos mais relevantes (como se pode ler no texto a seguir) para a prática clínica: aquela que implica diretamente a singularidade do humano, na ocasião em que o sujeito busca, junto ao médico que se inclina sobre ele, alívio para um seu sofrimento.

A indústria farmacêutica como fonte de informação*

Joe Collier, Ike Iheanacho

Medicines Policy Unit, Department of Pharmacology and Clinical Pharmacology, St George's Hospital Medical School, London SW17 0RE, UK (Prof. J. Collier FRCP); and Consumers' Association, London NW1 4DF (Prof. J. Collier, I. Iheanacho MBBS)

111

A indústria farmacêutica gasta mais tempo e recursos em geração, coleta, e disseminação de informações médicas do que na produção de medicamentos. Estas informações são recurso essencial para o desenvolvimento de medicamentos, mas também necessárias para atender os requisitos de licenciamento; para proteger patentes e promover vendas; para esclarecer pacientes e aqueles que prescrevem e dispensam os medicamentos. Informações, então, têm grande valor comercial; a maior parte delas é confidencial, protegida por regulamentações sobre direitos de propriedade intelectual. Através da geração e disseminação de informações, as companhias transnacionais são capazes de influenciar em muito a prática clínica. Algumas vezes, seus objetivos (determinados comercialmente) representam avanços genuínos no provimento da saúde mas, muito freqüentemente, resultam em excessiva e custosa produção

* Publicado originalmente, na *Lancet* 2002; 360: 1405-09. Tradução de Mônica Teixeira.